



# Lian destaca necessidade de união para o ‘ganha-ganha’ na cafeicultura

Na abertura das palestras do 6º Fórum & Coffee Dinner, presidente do Conselho Deliberativo do CeCafé defende remuneração justa aos produtores e política de “ganha-ganha”

*Paulo A. C. Kawasaki*

Com a intenção de trazer novos entendimentos a respeito da safra de café

no Brasil, após os impactos climáticos que assolaram as lavouras nos últimos dois anos, e de-

bater questões ligadas às atuais tendências da oferta mundial, com ênfase na disponibilidade



brasileira, comparando-as com as expectativas sobre a evolução do consumo global, o Fórum, sob o tema “Desafios, tendências e sustentabilidade da produção brasileira e consumo interno”, teve início com a composição da mesa oficial, formada por João Antonio Lian e Guilherme Braga, respectivamente presidente do Conselho Deliberativo e diretor geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé); Antônio Chinellato Neto, diretor do Banco Bradesco; Robério Silva, diretor executivo da Organização Internacional do Café (OIC); João Carlos Hopp, secretário do Conselho Deliberativo do CeCafé e diretor comercial da Exportadora de Café Guaxupé.

Após a execução do Hino Nacional Brasileiro e da apresentação de vídeos institucionais de Bradesco, CeCafé e BSCA, o presidente do CeCafé, João Lian, em pronunciamento inaugural, agradeceu ao público presente, aos moderadores dos painéis e à comissão organizadora, composta por Márcio Calves, João Carlos Hopp, Wilson Carvalho, diretor de Exportação da Mitsui Alimentos, Nelson Carvalhas, diretor da Porto de Santos Comércio e Exportação.

Na sequência, Lian alertou que vivemos um momento importante no mercado de café, no qual agentes buscam

tomar suas posições analisando o cenário futuro. “Também deixo uma mensagem de otimismo, apontando que nossos embarques têm sido relevantes e a manutenção desse market share é fundamental, buscando sempre parceria com outros segmentos, como Abic, Abics, CNC e CNA, de forma que sempre alcancemos uma remuneração justa e adequada aos produtores, à procura de fazer um trabalho de ganha-ganha”, salientou. Na sequência, a Revista do Café apresenta os temas debatidos no Fórum pelos palestrantes.



  
**Bradesco**

## Economista do Bradesco apresenta panorama econômico mundial

Fabiana D'atri acredita que 2015 será ano de ajustes, com retração do PIB e enfraquecimento do mercado de trabalho. Perspectiva pós-2016 é de benefícios

*Paulo A. C. Kawasaki*

**A**presentando um “Panorama Econômico Mundial”, a economista coordenadora do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Banco Bradesco, Fabiana D'atri, pontuou que 2015 será um ano de ajustes, com provável retração relevante do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil e enfraquecimento do mercado de trabalho. “A questão mais importante, no entanto, é a perspectiva pós-ajuste a partir de 2016, pois a melhora da sinalização da política econômica deverá gerar custos de curto prazo, mas benefícios em horizontes mais dilatados”, explica.

Segundo ela, a política implantada até 2014 não foi sus-

tentável, o que permite que 2015 seja uma oportunidade para o Governo construir uma nova plataforma visando ao crescimento futuro. “Para tanto, ajustes em diversas frentes precisam acontecer, como a queda da inflação, melhora das contas públicas, aumento da eficácia dos gastos da União e correção de distorções”, exemplifica.

Em relação ao agronegócio, a economista citou que o setor vai bem, com suas perspectivas de investimentos, inovação e boas possibilidades mercadológicas. Na contramão, ela crê que o setor de serviços, assim como o consumo das famílias, levam as empresas a analisar suas estruturas

de custos, gerando cortes. “O setor que mais sente é o industrial, com queda produtiva de 4%, principalmente nas áreas automotivas, de insumos para construção civil e de máquinas e equipamentos” revela. Fabiana indica que o desafio, portanto, é equilibrar estoque com vendas, com tendência de freada ou redução nos lançamentos.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deverá superar a meta traçada pelo Governo e ter uma variação de 8,3% em 2015, de acordo com ela, refletindo realinhamento de preços e depreciação da taxa cambial. “Já em 2016, observaremos significativa descompressão, para

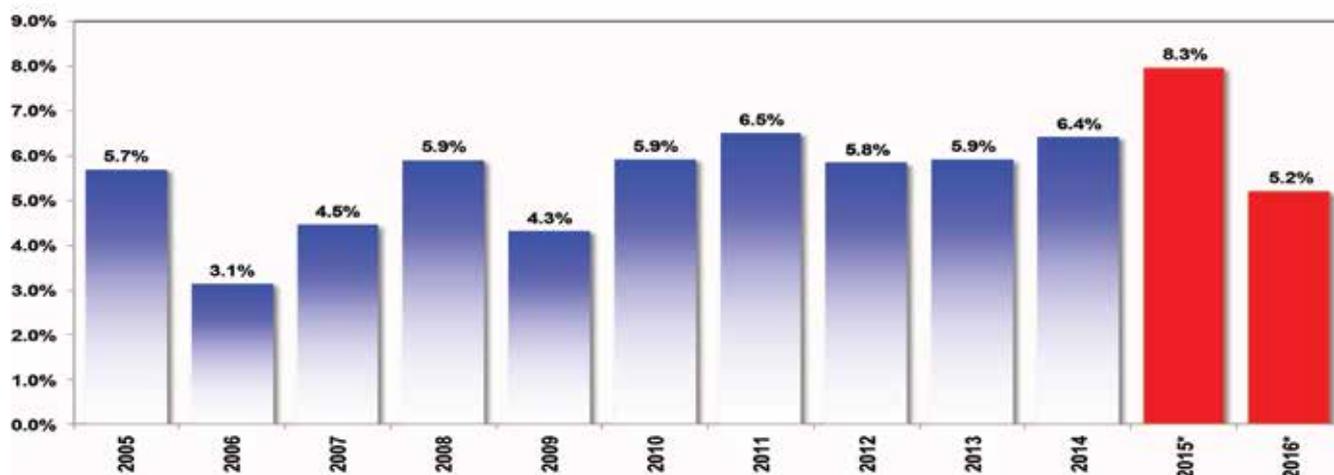
“

5,2%”, prevê a economista, que entende, também, o nível de R\$ 3 como compatível para o dólar, considerando fundamentos como termos de troca, expectativas em relação às políticas a serem adotadas pelo FED, o diferencial da taxa de juros e a confiança doméstica.

Para tanto, ajustes em diversas frentes precisam acontecer, como a queda da inflação, melhora das contas públicas, aumento da eficácia dos gastos da União e correção de distorções

”

## IPCA - VARIAÇÃO ANUAL - 2005-2016



FONTE: IBGE  
ELABORAÇÃO E PROJEÇÃO: BRADESCO

33

A respeito da perspectiva da retomada do crescimento a partir do ano que vem, Fabiana entende que, superada a tarefa de redução da inflação, os juros poderão ingressar em nova tendência de queda, sendo observada menor assimetria entre as taxas. “Mas esperamos uma menor contração fiscal a partir de 2016, pois o ajuste das condições do crédito direcionado já vem sendo realizado, com taxas de juros mais elevadas e menor disponibilidade de recursos (como as linhas de financiamento do BNDES), e os efeitos da crise no setor de construção deverão ser gradualmente supera-

dos, bem como a Petrobras deverá entrar em fase mais positiva”, prognostica.

Pensando no médio prazo, a economista projeta a recuperação do equilíbrio macroeconômico como o principal fator favorável à retomada do crescimento a partir de 2016. “Isso porque a reformulação do programa de concessões deve elevar investimentos em infraestrutura; o fluxo de investimento estrangeiro direto permanece elevado, com o Brasil seguindo atrativo; a depreciação do câmbio pode beneficiar setores exportadores, com virtuais acordos co-

merciais impulsionando nossa indústria; a provável retomada da agenda de reformas microeconômicas tende a beneficiar a produtividade; a produção de petróleo, apesar da redução de ritmo, seguirá em expansão; e, por fim, a demografia ainda favorável, com expansão da população abaixo de 1% e a melhora da escolaridade observada nos últimos anos, serão fatores positivos”, conclui.

## Sustentabilidade: ferramenta para consolidar a força do agro brasileiro no mundo

Presidente da Rural Brasileira indica que o Brasil precisa “vender” melhor a sustentabilidade do seu agronegócio para alcançar diferenciais competitivos.

*Paulo A. C. Kawasaki*

O agronegócio brasileiro precisa “vender” o que vem realizando em termos de sustentabilidade para ter diferenciais competitivos no mercado internacional, foi assim que o presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Gustavo Diniz Junqueira, iniciou sua explanação no painel “Sustentabilidade do Agronegócio Brasileiro”, moderado pelo diretor geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé), Guilherme Braga

Com o tema “Agro Brasil: o mais sustentável negócio”, ele destacou a força do setor, que responde por 23% do PIB, 27% dos empregos formais e 44% das exportações do País. “Uma força que vem de todas as commodities, pois estamos em primeiro, segundo e terceiro lugares em tudo aquilo que é mercado agrícola no mundo. Somos um grande *player* mundial”, ressalta.

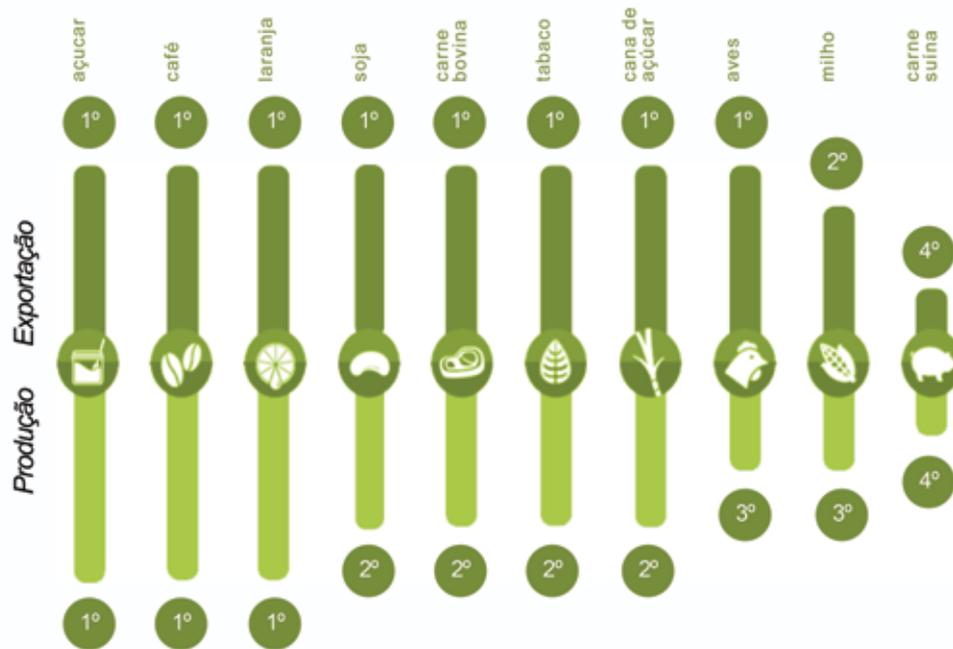
No entanto, Junqueira observa que o Brasil ainda está fora das principais cadeias globais de valor, com a maioria das exportações parando nos portos mundiais e não chegando às gôndolas. Para superar a concorrência “brutal de nossos clientes, mas também concorrentes”, ele citou que a saída é vender melhor a

“

Temos a maior área protegida do planeta, as mais rígidas legislações ambiental e trabalhista, a maior classe rural do mundo, com tecnologia de ponta e trabalho em rede, que nos dão a vantagem competitiva e nos transformam em um fornecedor confiável em volume e qualidade, possibilitando-nos assinar contratos de longo prazo e melhores preços

”

# HOJE O BRASIL É UM PLAYER NO AGRO MUNDIAL ...



Fonte: USDA E MAPA

sustentabilidade, que pode ser a ferramenta de consolidação da força brasileira no mundo. “A sustentabilidade é o caminho. Gera um custo, mas temos que entendê-lo como investimento e não apenas gasto”, indica.

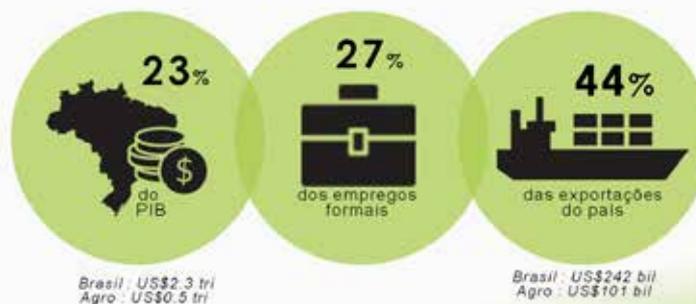
Junqueira deseja que o alimento produzido no Brasil seja a primeira escolha. Para isso, diz que o País precisa explorar melhor as suas vantagens. “Temos a maior área protegida do

planeta, as mais rígidas legislações ambiental e trabalhista, a maior classe rural do mundo, com tecnologia de ponta e trabalho em rede, que nos dão a vantagem competitiva e nos transformam em um fornecedor confiável em volume e qualidade, possibilitando-nos assinar contratos de longo prazo e melhores preços”, explica.

Para alcançar esse cenário desejado, o presidente da SRB

cita que a inserção no Cadastro Ambiental Rural (CAR) é a primeira etapa, pois permitirá o mapeamento do uso da terra, o planejamento e a redução de gastos. “Também será possível a compensação ambiental, com mitigação dos custos, o desenvolvimento de mercados de ativos ambientais e o uso das áreas de preservação para fins comerciais através de manejo sustentável da reserva legal”, conclui.

## A FORÇA DO AGRO



Fonte: MDIC, MAPA E IBGE



## Dunlop: a indústria mundial depende da saúde do café do Brasil

O presidente da Atlantic USA e diretor gerente da Ecom AgroIndustrial explica que o País é a principal variável no mercado de arábica e também no de robusta.

*Paulo A. C. Kawasaki*

**É** o produtor do Brasil que informa ao mundo o preço que será pago ao café. Foi com essa afirmativa que Henry C. Dunlop, presidente da Atlantic USA LLC e diretor gerente da Ecom AgroIndustrial Co., abriu sua palestra no painel “Oferta e demanda mundiais com ênfase



## Global Balance by Crop Year

World Coffee S&D	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Total Production	138.64	143.52	148.76	150.62	146.23
% Change	10.43%	3.52%	3.65%	1.25%	-2.91%
Total Demand	138.26	144.38	146.62	148.43	150.32
% Change	0.87%	4.43%	1.55%	1.23%	1.27%
Surplus / Deficit	0.38	-0.86	2.14	2.19	-4.09

Arabica Production	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Total Production	84.93	83.04	87.97	84.54	81.21
% Change	17.99%	-2.23%	5.94%	-3.90%	-3.94%
Arabica Demand	84.03	82.15	85.61	87.84	87.7
% Change	2.00%	-2.24%	4.21%	2.60%	-0.16%
Surplus / Deficit	0.9	0.89	2.36	-3.3	-6.49

Robusta Production	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Total Production	53.71	60.48	60.79	66.08	65.02
% Change	0.28%	12.60%	0.51%	8.70%	-1.60%
Arabica Demand	54.23	62.23	61.01	60.59	62.62
% Change	-0.84%	14.75%	-1.96%	-0.69%	3.35%
Surplus / Deficit	-0.52	-1.75	-0.22	5.49	2.4



Source: ECOM

# Arabica Production by Crop Year

Arabica	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Mexico	3.74	4.45	3.9	3.2	2.78
Guatemala	3.91	4.23	3.8	3.19	2.9
Honduras	4.03	6.12	4.02	4.36	5
Costa Rica	1.6	1.8	1.7	1.45	1.45
El Salvador	1.58	1.17	1.23	0.71	0.9
Other North & Cent	2.44	2.83	2.9	3.04	2.78
North & Central Ame	17.3	20.6	17.55	15.95	15.81
Colombia	8.52	7.68	9.93	12.12	12.45
Peru	3.91	5.29	4.35	4.2	3.02
Other South Americ	1.04	1.3	1.23	1.05	1.15
South America	13.47	14.27	15.51	17.37	16.62
Brazil	41.55	34.53	42.2	38	36.08
of which Semi-wast	5	5.2	6	5.25	5.5
Ethiopia	4.85	4.9	5.01	5.05	5
Uganda	0.64	0.74	0.79	0.76	0.64
Cote D'Ivoire	0	0	0	0	0
Tanzania	0.47	0.29	0.58	0.49	0.45
Kenya	0.6	0.92	0.65	0.79	0.68
Other Africa	1.6	1.82	1.8	1.69	1.67
Africa	8.16	8.67	8.83	8.78	8.44
Vietnam	0.8	0.87	0.72	1.02	0.97
Indonesia	1.27	1.06	1.13	1.27	1.11
India	1.41	1.73	1.34	1.3	1.33
Papua New Guinea	0.97	1.31	0.69	0.85	0.85
Other Asia & Ocean	0	0	0	0	0
Asia & Oceania	4.45	4.97	3.88	4.44	4.26
Total	84.93	83.04	87.97	86.54	81.21

Source: ECOM



se nos mercados emergentes”, moderado por João Carlos Hopp, secretário do Conselho Deliberativo do CeCafé e diretor comercial da Exportadores de Café Guaxupé. “O Brasil representa 40% do mercado, é o segundo maior consumidor e a nação produtora que tem as indústrias de capital e bancária mais sofisticadas do mundo, fornecendo liquidez sempre que necessário quando os preços estão baixos”, explica.

Dunlop, que fez a abordagem sobre os cafés arábicas, foi uma das peças fundamentais para a inclusão do produto brasileiro na Bolsa de Nova York. “A *ICE Futures US* queria, mas o problema era a diferença que se alegava entre o café natural brasileiro e os suaves das Américas Latina e Central comercializados na plataforma. O produtor do Brasil, contudo, resolveu a questão investindo em lavados (cereja descascado) e despolidos, com grandes investimentos, o que propiciou cafés aceitáveis e que superaram

essa questão, que tinha cunho principalmente político, e o processo agora está implementado”, conta.

Ele explica, ainda, que o Brasil é a principal variável não apenas no mercado de arábica, mas também no de robusta. “No resto do mundo, são poucas alterações, com a quebra (na safra) de uns sendo compensada pelo crescimento de outros”, pondera. A demanda por conilon, conforme ele, sofreu decréscimo até a safra passada e a de arábica veio em uma crescente. “Tivemos déficit de arábica nos últimos dois anos. Não há dúvida que o consumo global superou a demanda dessa variedade”, completa.

Apresentando gráficos sobre a produção da variedade, Dunlop entende que apenas o Brasil apresentou crescimento sustentável. “Estimamos 25 milhões de novos consumidores a cada ano. Assim, a indústria depende muito da saúde do café brasileiro”, explica. Portanto, conforme ele, a mensagem do resto do mundo para o Brasil é: sejam saudáveis. “Precisamos que aumentem a produção. Os preços subirão e cairão, pois ciclos sempre fizeram parte do mercado de commodities, mas tenham paciência, usem seus recursos, capitalizem quando o preço estiver bom, vendam quando estiver excelente. Trabalhem esses elementos fundamentais para chegarem ao lucro e suprir a cadeia”, conclui.

“

Tivemos déficit de arábica nos últimos dois anos. Não há dúvida que o consumo global superou a demanda dessa variedade

”





## Consumo mundial de café será de 175 a 195 milhões de sacas em 2025

O Diretor executivo da OIC aponta cenário otimista e explica que os mercados emergentes puxam o avanço no consumo da bebida.

*Paulo A. C. Kawasaki*

O diretor executivo da Organização Internacional do Café (OIC), o brasileiro Robério Silva, trouxe boas perspectivas sobre o consumo do café em sua explanação no painel “Oferta e demanda mundiais com ênfase nos mercados emergentes” do 6º Fórum & Coffee Dinner, moderado por João Carlos Hopp, secretário do Conselho Deliberativo do CeCafé e diretor comercial da Exportadores de Café Guaxupé.

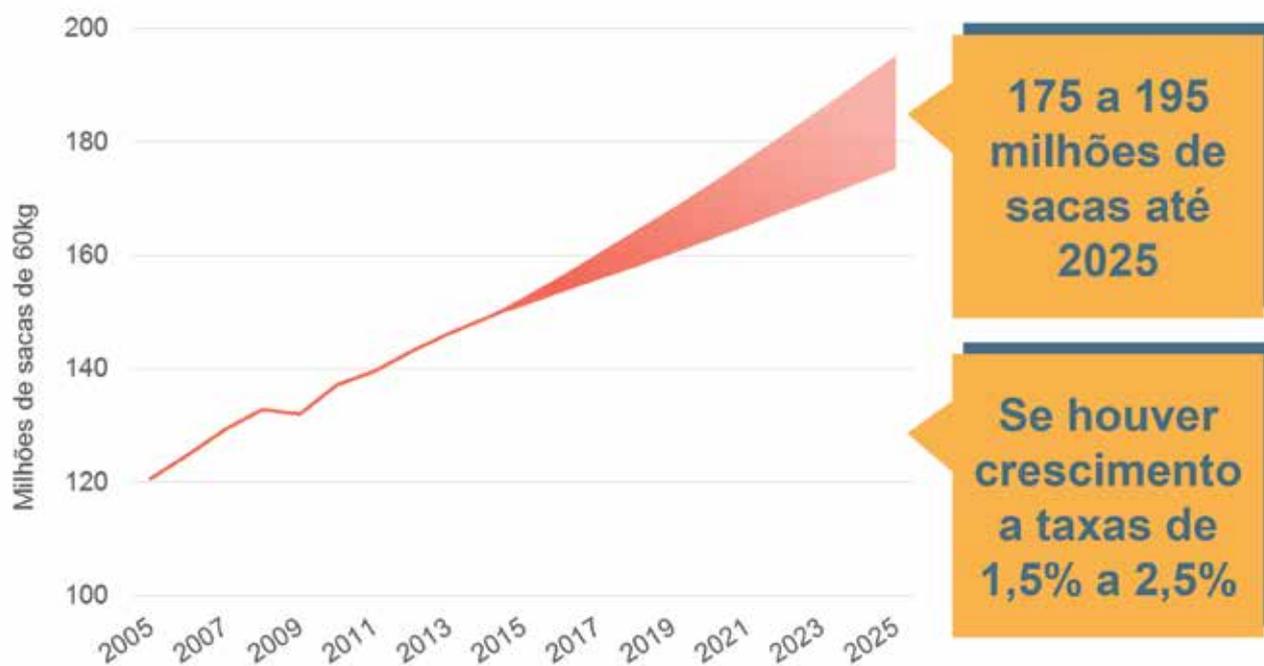
Segundo ele, o consumo mundial cresce a uma taxa anual de 2,3% e foi estimado em 149,3 milhões de sacas em 2014. “Os mercados tradicionais ainda preponderam, mas saíram de 73% para 54% de 1965 a 2014. Já os emergentes saltaram de 2% para 15% no período”, revela, aproveitando para comunicar o ingresso da Rússia na OIC.

Silva demonstra que o crescimento nos mercados tradicionais é de 1,5% ao ano desde 2011, com um movimento rumo à adição de valor ao invés do volume, focado nos cafés especiais. “De acordo com a NCA (Associação Nacional de Café dos Estados Unidos, sigla em inglês), as bebidas à base de espresso são mais procuradas e os lares possuem mais máquinas de monodose no maior consumidor do mundo”, explica.

Por outro lado, o diretor da OIC apresenta que o maior potencial de consumo está



# Perspectivas do consumo no futuro



nos mercados emergentes. “O consumo frequente é induzido pelo crescimento econômico e pela maior renda disponível. Essas populações veem o café como um produto de luxo”, conta. Silva completa explicando que o aumento das casas de café é um símbolo de status e da cultura ocidental.

Apresentando os cenários mais conservador, de 1,5%, e mais otimista, de 2,5% ao ano, ele projeta que o consumo mundial da bebida se situará entre 175 milhões e 195 milhões de sacas em 2025. “Estamos falando de, no mínimo, mais 25 milhões de sacas. É um futuro brilhante para o café que temos que trabalhar. Temos que focar o potencial para o maior crescimento nos países exportadores e nos mercados emergentes”, explica.

“

Estamos falando de, no mínimo, mais 25 milhões de sacas. É um futuro brilhante para o café que temos que trabalhar. Temos que focar o potencial para o maior crescimento nos países exportadores e nos mercados emergentes

”

Silva informa que nem a crise econômica em alguns países emergentes afeta as boas perspectivas. “Com a economia de parte desses países perdendo força, o avanço pode ser explicado pelo crescimento populacional e porque o café é visto como produto saudável e de *‘lifestyle’*”, conclui.





## Retorno financeiro para produtores de robusta é satisfatório

Afirmção é do diretor comercial da Louis Dreyfus, Octavio Pires, que também explicou que o conilon brasileiro tornou-se fatia prioritária nos estoques de Londres.

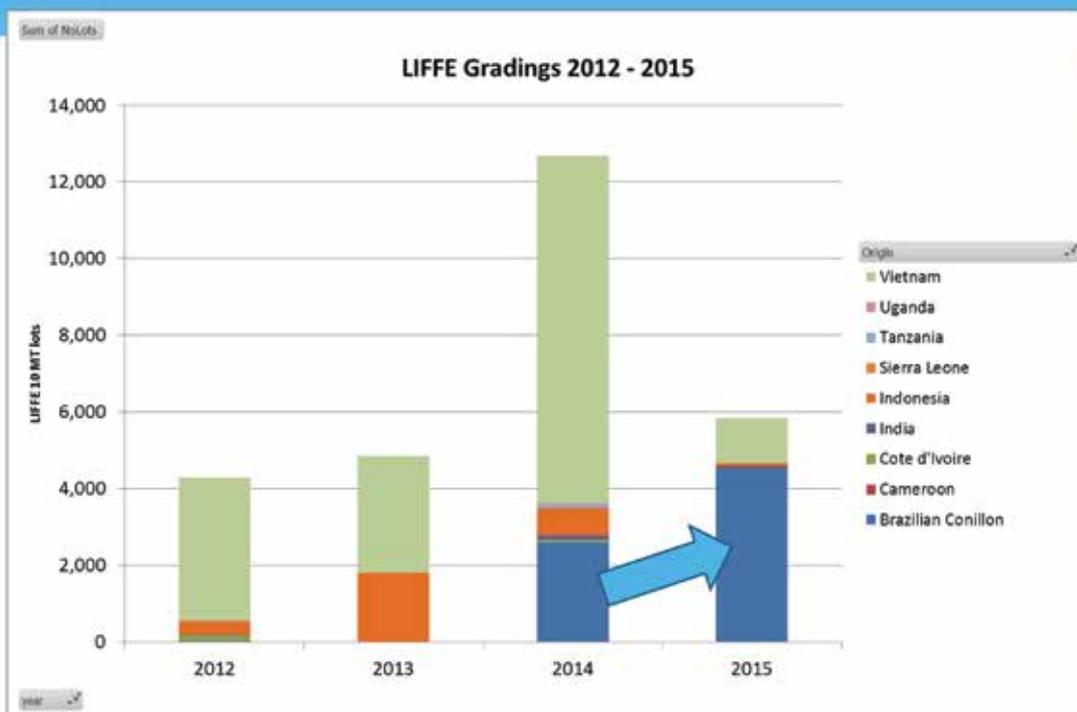
*Paulo A. C. Kawasaki*

O diretor comercial de café da Louis Dreyfus Commodities Brasil, Octavio Pires, abordou o ce-

nário global do café robusta em sua explanação no painel “Oferta e demanda mundiais com ênfase nos mercados

emergentes” do 6º Fórum & Coffee Dinner, moderado pelo secretário do Conselho Deliberativo do CeCafé e di-

### Brazil Conillon has significantly contributed to the recent build



“

O conilon brasileiro tornou-se fatia prioritária em Londres, o que praticamente não existia até há pouco tempo. Em 2013, praticamente não existia café do Brasil em estoque na Bolsa

”

retor comercial da Exportadores de Café Guaxupé, João Carlos Hopp.

Ele considerou que, em geral, o retorno financeiro para os cafeicultores de robusta tem sido bastante satisfatório. “Não é o caso desse produtor estar nadando em dinheiro, mas apenas uma constatação que identificamos nas produções de conilon em todo o mundo, com retornos bem razoáveis. Esse produtor está feliz”, analisa.

Em relação aos custos de produção, o retorno médio aos produtores de robusta, na safra 2014/15, foi superior a 60%. “Em 2015/16, deve crescer a níveis superiores a 80%. Já para 2016/17, o retorno ainda será satisfatório, mas inferior ao período 2015/16”, projeta o diretor da Louis Dreyfus.

Pires anota que, no Brasil, o rendimento vem crescendo em uma constante nos últimos anos. “Recentemente, tivemos uma queda e isso preocupou, pois não sabemos até quando nossas novas tecnologias nos permitirão crescer mundialmente nessa velocidade”, destaca, completando que a Indonésia também deve se recuperar nesta safra, enquanto o Vietnã apresentou certo recuo em seus embarques.

No ritmo desse crescimento constante, o café robusta nacional, a partir de 2014, começou a crescer nos estoques certificados da Bolsa de

Londres. “O conilon brasileiro tornou-se fatia prioritária em Londres, o que praticamente não existia até há pouco tempo. Em 2013, praticamente não existia café do Brasil em estoque na Bolsa”, revela, completando que o volume armazenado na *ICE Futures Europe* ajuda a dar maior transparência ao mercado e possibilita uma melhor visualização da oferta mundial.

Octavio Pires encerra comunicando que, acompanhando o cenário evolutivo do consumo mundial de café, a demanda por robusta cresceu e vem sendo puxada nos países emergentes ao longo dos últimos anos.





## Tristão: Brasil tem capacidade para honrar demanda por conilon

No 6º Fórum & Coffee Dinner, o presidente da Tristão Companhia de Comércio Exterior destaca o trabalho de evolução da cafeicultura capixaba

*Paulo A. C. Kawasaki*

O presidente da Tristão Companhia de Comércio Exterior, Sérgio Giestas Tristão, foi o responsável por abordar a disponibilidade de café robusta nacional no painel “Oferta brasileira / Tendências”, moderado por Nelson Carvalhaes, diretor da Porto de Santos Comércio e Exportação, ao longo da 6ª edição do Fórum & Coffee Dinner, realizada pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé).

Ele citou as variáveis existentes a respeito da demanda no País. “São duas as considerações que existem sobre a representatividade do conilon no consumo nacional. Alguns consideram 40%, enquanto outros trabalham com 50% em suas projeções”, destaca Tristão, que completa que ambos os cenários entendem que, no café solúvel, a participação da variedade é de 80%.

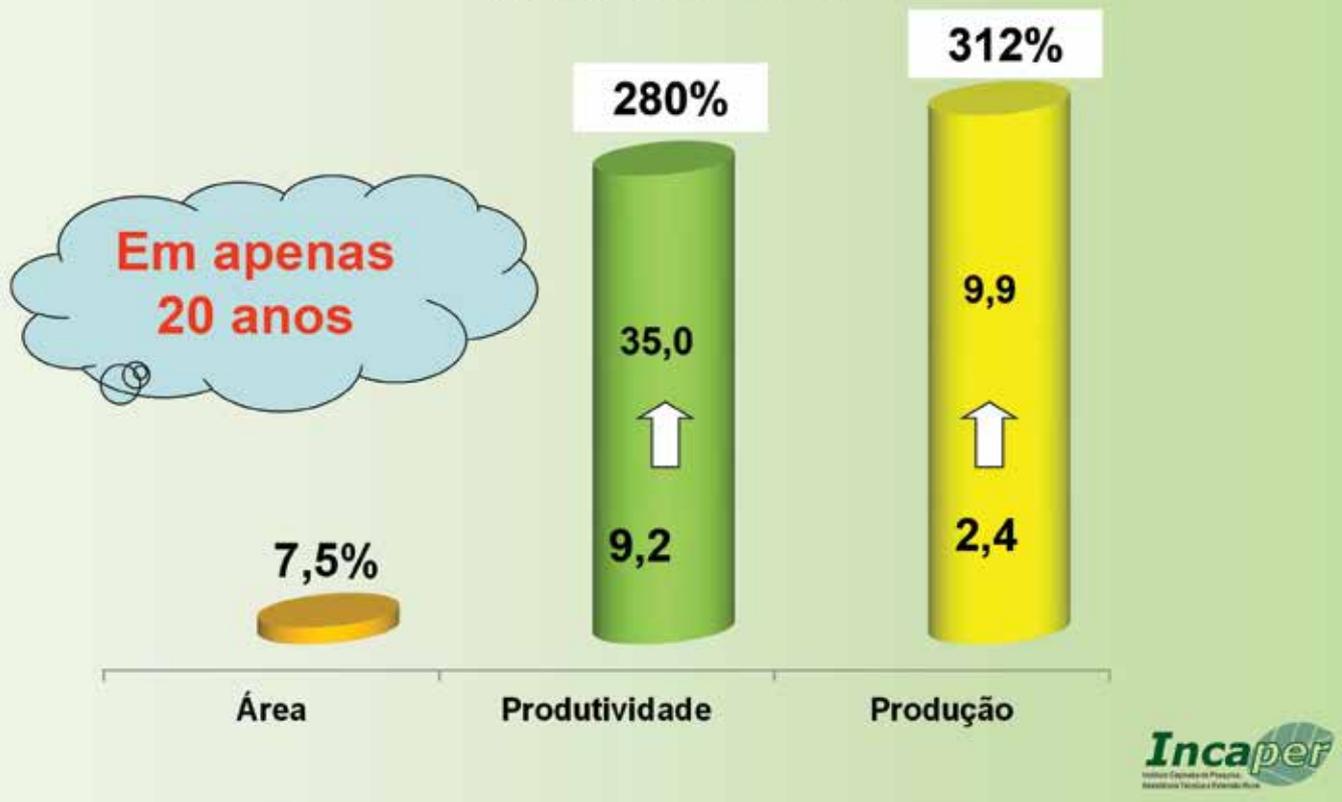
Partindo dessa premissa, ele projetou o desaparecimento do robusta nacional na safra 2014/15. “Somando as exportações, considerando volume de 80% nas de solúvel, e 50% do consumo, a demanda pela variedade terá saltado de 10,8 milhões de sacas, em 2004, para 16,4 milhões no ano passado. Já alterando o percentual

“ Somando as exportações, considerando volume de 80% nas de solúvel, e 50% do consumo, a demanda pela variedade terá saltado de 10,8 milhões de sacas, em 2004, para 16,4 milhões no ano passado. Já alterando o percentual no consumo para 40 pontos, os números pulariam de 9,3 milhões, em 2004, para 14,3 milhões em 2014

”

# EVOLUÇÃO DO CONILON CAPIXABA

ES - Crescimento da Área, Produtividade e Produção do Conilon (de 1993 a 2014, em %)



no consumo para 40 pontos, os números pulariam de 9,3 milhões, em 2004, para 14,3 milhões em 2014”, calcula.

Ao apresentar o caminho percorrido até a atual caracterização da cafeicultura de conilon do Espírito Santo e enaltecer o trabalho do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) no desenvolvimento de variedades com maior potencial produtivo e mais resistência a fatores bióticos e abióticos, Tristão

mostrou que o salto produtivo foi de 64% nos últimos 10 anos, acima dos 52% do arábica, o que fez o Estado representar 25% da safra brasileira total de café.

Enaltecendo o crescimento superior a 300% ocorrido na produção de café no Espírito Santo – com um avanço de apenas 7,5% na área –, que saltou de 2,4 milhões para quase 10 milhões de sacas entre 1993 e 2014, e o investimento constante, inclusive em qualidade, que institui-

ções e produtores realizam, Tristão acredita que a oferta de robusta tem condições de suprir a demanda, seja a participação no consumo de 40% ou 50%.

Ele encerra contando que pensamento similar vale para o arábica. “A capacidade de o Brasil produzir café é robusta! Independente de ser café arábica ou conilon, nossa capacidade é robusta”, brincou ao finalizar sua participação.

## Analista do Rabobank prevê cenário de aperto para o café arábica

Mantendo os cenários de estoques e demanda, Jefferson Carvalho projeta déficit de 1 milhão a quase 9 milhões de sacas para a variedade em 2015/16

*Paulo A. C. Kawasaki*



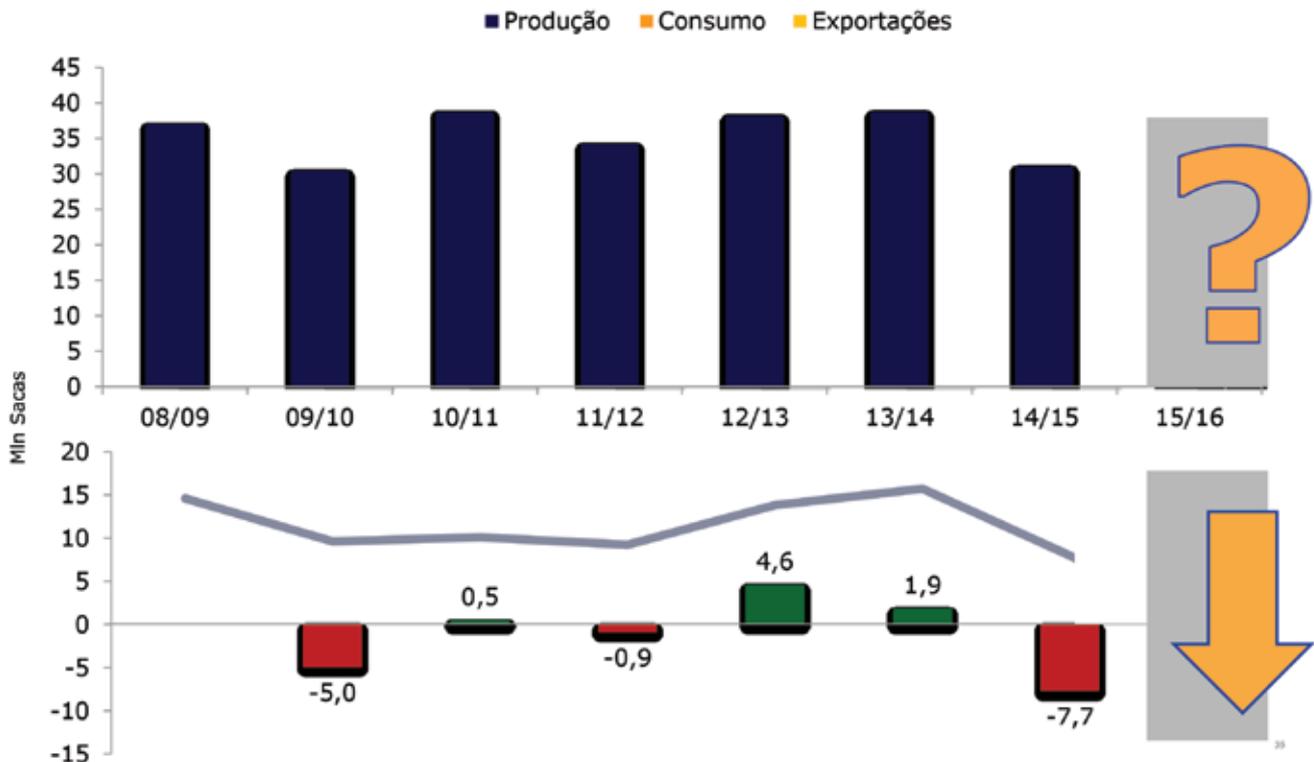
O analista do Departamento de Pesquisa e Análise Sensorial do Rabobank Brasil, Jefferson Carvalho, falou a respeito da disponibilidade de café arábica no painel “Oferta brasileira

/ Tendências”, moderado por Nelson Carvalhaes, diretor da Porto de Santos Comércio e Exportação.

Segundo ele, o clima tem sido protagonista, fazendo

com que muitas regiões produtoras tivessem chuvas abaixo da média e apresentassem déficit hídrico, entre dezembro de 2013 e março de 2014, o que influenciou negativamente a produção no ano passado e

### Qualquer simulação aponta para aperto no mercado nacional



a questão vegetativa da planta para 2015. “O cenário foi repetido entre setembro de 2014 e fevereiro deste ano, atrapalhando ainda mais a florada da safra atual”, anota.

Carvalho citou, também, a constante diferença de previsões para as safras brasileiras e considera que, neste ano, houve uma “explosão” entre as pontas mínima e máxima. “Sempre tem os que apontam mais e os que indicam menos, mas, em 2015, essa diferença chegou a 30%, representando algo em torno de 8 milhões de sacas somente no arábica”, aponta.

Sem entrar no mérito dos fundamentos dos prognósticos e considerando a manutenção dos atuais níveis de estoque e demanda (exportação e consumo), o analista do Rabobank apresentou projeções relacionadas aos picos de baixa e alta estimados para o arábica no Brasil. “Se a exportação for mantida em 29,2 milhões de sacas e o consumo em 9,5 milhões, teremos uma necessidade de 38,7 milhões. Quando trabalhamos com a previsão mínima, de 30 milhões de sacas para a variedade, vemos um déficit de quase 9 milhões de sacas”, calcula.

Na outra ponta, ele revela que os mais otimistas creem em uma produção de arábica de 38 milhões de sacas, o que representaria, também mantidos os níveis de estoque e demanda, um déficit de cerca de 1 milhão de sacas. “Ou seja, qualquer simulação aponta para aperto no mercado nacional de arábica na safra 2015/16”, explica.

Carvalho alerta que ainda é cedo para se prever o cenário para 2016/17, haja vista que o clima será crucial nos pró-

ximos meses. “Da para cravar que o preço do insumo subiu, como primeira variável, porque o câmbio pega na veia. A segunda é o crédito, essencial, mas que não sabemos como será a liberação dos agentes e a ação do Governo. Por fim, temos os estoques. Assim, resolveremos o cenário se colhermos muito em 2016? Não! Devemos manter níveis muito apertados”, prevê. Ele conclui: “para 2015 é aperto. Para 2016 é chute. Podemos ter uma safra muito maior em 2016, mas podemos não tê-la também”.

“ Ou seja, qualquer simulação aponta para aperto no mercado nacional de arábica na safra 2015/16 ”

”



## Cápsulas: tendência que vêm puxando o consumo interno de café

Pedro Lima, presidente da Três Corações, crê que as monodoses puxam a qualidade e o consumo em geral. Atualmente, as cápsulas respondem por 1,7% do total



*Paulo A. C. Kawasaki*

Com um tom descontraído, Pedro Lima, presidente da Três Corações Alimentos S/A., falou a respeito das tendências de mercado e consumo de café no Brasil, também no painel “Oferta brasileira / Tendências”, moderado por Nelson Carvalhas, diretor da Porto de Santos Comércio e Exportação Ltda.

Ao apresentar os dados da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), que demonstram o consumo interno de 20,3 milhões de sacas (crescimento anual de 1,24%), ou 40% da safra nacional, ele revelou que o consumo do produto com qualidade superior e em cápsulas são tendências no País. “Atualmente, são nichos de mercado, mas que vêm puxando o segmento tradicional”, explica.

Segundo Lima, o café é o alimento mais consumido no Brasil, com penetração em 98,7% dos lares, conforme pesquisa da Nielsen, o que

corresponde a 81 litros de café por habitante/ano. Nesse cenário, ele acredita que as monodoses devem continuar a crescer no País e contribuir para melhorar a qualidade dos cafés de uma maneira geral. “O café coado continuará a ser a preferência do brasileiro, mas as cápsulas são uma tendência e seu consumo tem crescido, representando 1,7% do total atualmente”, prevê.

Seguindo essa tendência, Lima anuncia que sua empresa realizará investimentos de R\$ 90 milhões na construção de uma fábrica de cápsulas em Montes Claros (MG), com metade desse valor sendo empregada na primeira fase, para uma capacidade de produção de 10 milhões de cápsulas/mês a partir do segundo semestre de 2016. Os outros R\$ 45

milhões serão investidos em uma segunda etapa, dobrando a capacidade. “Deixaremos de importar cápsulas e o grande ganho será em logística. Atualmente, a Três Corações vende 5 milhões de cápsulas ao mês”, destaca. Em 2014, a empresa faturou cerca de R\$ 2,7 bilhões, operando oito fábricas, com processamento de 143 milhões de kg de café.

Pedro Lima conclui contando que sua empresa só trabalha com cafés do Brasil. Do total adquirido, 30% são comprados diretamente de produtores e o restante de cooperativas e exportadores. “Sobre preços, acredito que estão em um patamar saudável, mas o comportamento do mercado dependerá do desempenho das exportações e do tamanho da safra do País”, finaliza.

“ O café coado continuará a ser a preferência do brasileiro, mas as cápsulas são uma tendência e seu consumo tem crescido, representando 1,7% do total atualmente ”

## PÓ E SOLÚVEL



Representam mais de 90%, porém os outros segmentos crescem em ritmo mais acelerado

IMPORTÂNCIA EM VALOR DOS SEGMENTOS	MOV 13	MOV 14	VARIAÇÃO EM VALOR 14 Vs 13
CAFÉ EM PÓ	87,3%	86,4%	4,7%
CAFÉ SOLÚVEL	9,1%	9,3%	6,0%
CAPPUCCINO	2,2%	2,3%	8,9%
CAFÉ COM LEITE	0,4%	0,4%	19,0%
CÁPSULAS	1,1%	1,7%	55,5%

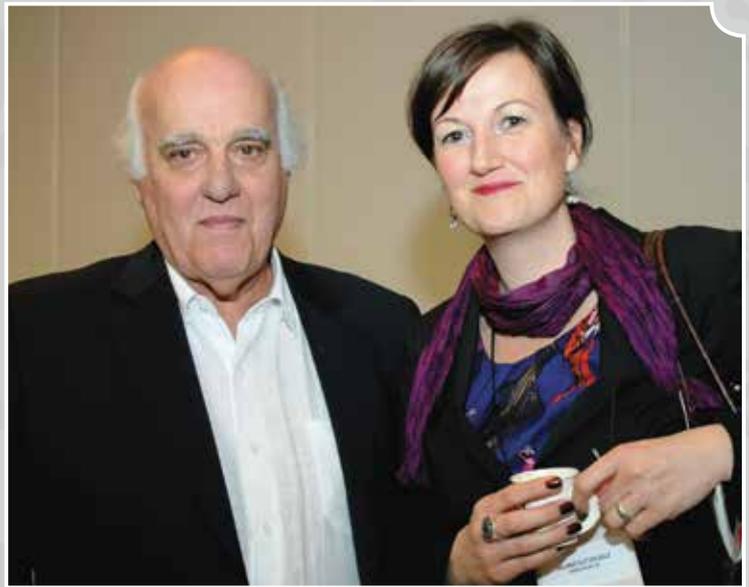
1. Café (pó + solúvel + cappuccino + cápsulas de café) | T. Brasil INA

Fonte: Nielsen | Retail Index

Os dados de Cápsulas de Café representam somente o volume dos AS 5+ CK  
Fonte: Nielsen | Scantrack

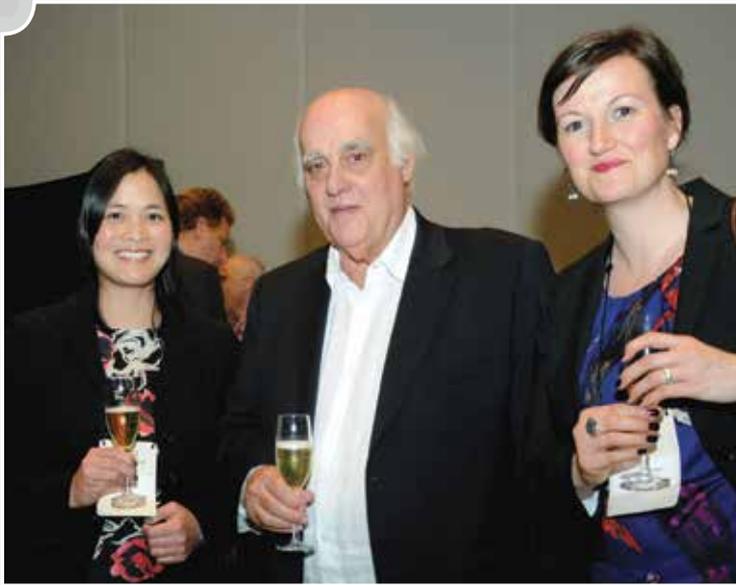


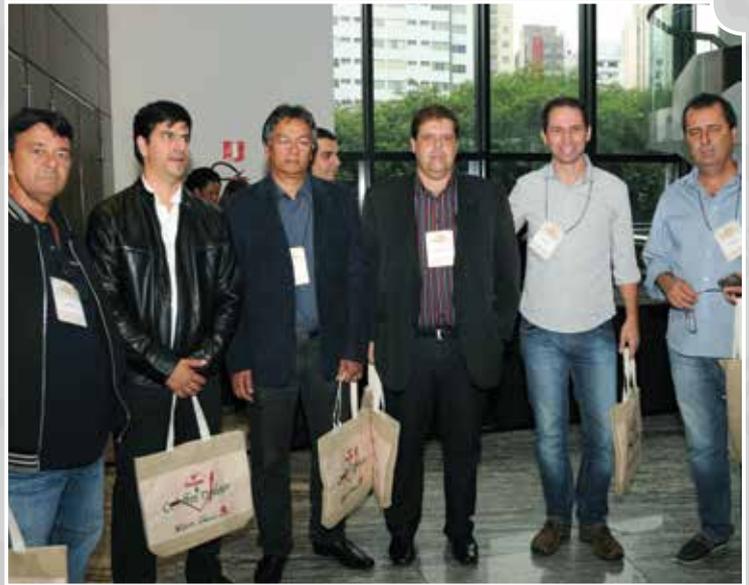












(54

